

## MOSAICO MEDIEVAL E HERMENÊUTICA RECONSTRUTIVA: POSSIBILIDADES NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Eliana Regina Fritzen Pedroso\*

**Resumo:** O presente trabalho visa discutir as relações entre a crítica ao conhecimento realizada por Walter Benjamin e a ideia de ‘mosaico medieval’ como ilustração de um problema metodológico de uma investigação educacional. Para tanto, esse estudo partiu da articulação entre a categoria imagético-dialética do ‘mosaico medieval’ e a categoria crítico-reflexiva da ‘hermenêutica reconstrutiva’, a fim de pensar a possibilidade do ‘mosaico medieval’ se inserir como imagem epistêmico-metodológica em uma pesquisa em educação. Assim sendo, o ‘mosaico’ – utilizado como recurso metodológico de nossa pesquisa – será constituído pelas peças centrais: ‘violência’ e ‘formação’; esses polos são compreendidos por meio de uma perspectiva hermenêutico-reconstrutiva. Em que a multiplicidade de elementos que se inter-relacionam terão como pano de fundo a interpretação de um problema por meio da correlação entre conceitos proporcionada pelo ‘mosaico’. Desse modo, a representação estética de uma ideia, conforme a perspectiva Benjaminiana baseada no vitral medieval, pode contribuir para criar outros contornos qualitativos à investigação educacional.

**Palavras-chave:** Pesquisa em Educação. Mosaico Medieval. Hermenêutica Reconstrutiva. Formação de Professores.

### Considerações iniciais

O presente trabalho tem como intuito discutir as relações entre a crítica ao conhecimento realizada por Walter Benjamin e a ideia de ‘mosaico medieval’ como ilustração de um problema metodológico de uma investigação educacional, nesse caso esse estudo partiu da articulação entre o método do ‘mosaico medieval’ e a hermenêutica reconstrutiva a fim de pensar a possibilidade do ‘mosaico medieval’ se inserir como imagem epistêmico-metodológica em uma investigação educacional. Essa produção parte também do que vem sendo discutido e pesquisado no âmbito do Grupo de Pesquisa em Formação Cultural, Hermenêutica e Educação (GPFORMA – UFSM).

---

\*Doutoranda em Educação na Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: [eliana.fritzen@yahoo.com.br](mailto:eliana.fritzen@yahoo.com.br)

Assim, a problemática que pretendemos lançar no centro do mosaico é a relação violência e formação, essas duas categorias podem ser consideradas amplamente antagônicas, mas estão intimamente ligadas a realidade educacional brasileira, desse modo, consideramos que no processo formativo do docente, desde sua formação pessoal suas vivências de situações de violência marcam significativamente sua memória. Isso quer dizer que a memória formativa do docente também carrega resquícios da violência, para compreendermos essa temática complexa, lançamos mão, de teorias filosóficas, em especial das ideias benjaminianas.

Desse modo, em um primeiro momento pretendemos destacar em termos mais claros como surgiu a ideia de trabalhar com a temática ‘violência na formação de professores’, e quais implicações esse tema traz aos propósitos epistemológicos de compreensão da realidade pela perspectiva do referencial teórico adotado. Ao adentrar a temática, será necessário discutir as relações entre a crítica ao conhecimento realizada por Walter Benjamin e a ideia de ‘mosaico medieval’ como ilustração metodológica de uma pesquisa que está sendo desenvolvida na área da educação<sup>2</sup>.

Assim, para unir elementos que justifiquem a utilização da imagem do ‘mosaico medieval’ como ilustração do que se pretende desenvolver em termos teórico-metodológicos, será exposto mais detalhadamente acerca da relação entre a pesquisa em educação e o construto teórico que deu origem ao mosaico Benjaminiano. Posteriormente, resgatamos o horizonte hermenêutico-reconstrutivo como uma perspectiva compreensiva somada ao contexto visualizado no mosaico. A união desses dois elementos se encaixam nas inter-relações que os vitrais propõem quando conciliam diferentes elementos da realidade.

Desse modo, algumas questões passam a surgir: Será que a imagem do mosaico medieval pode contribuir para o entendimento de uma temática complexa no campo educacional? Como será possível compreender os elementos da formação e da violência através da imagem do mosaico? Qual a possibilidade de compreensão que a hermenêutica-reconstrutiva pode esboçar sobre esse problema?

---

<sup>2</sup> Trata-se do projeto de tese intitulado: Memória e formação sob o espírito da Violência sob responsabilidade da acadêmica do curso de Doutorado em Educação – UFSM: Eliana Regina Fritzen Pedroso.

## 1 Violência e formação as peças centrais do Mosaico

O contexto que perpassa a temática da pesquisa não deixa de se relacionar com uma configuração social que está presente no mundo hodierno, trata-se da ampla perpetuação da barbárie na microestrutura social, como é o caso da violência nas escolas. Essa problemática se tornou relevante nesse trabalho, pelo fato da crescente violência nos espaços em que deveriam promover a humanização dos sujeitos. Essa reflexão trouxe como pano de fundo para a pesquisa, o escrito de Walter Benjamin (2013) intitulado: Para a crítica da violência.

Não raro, o processo educativo não se faz isento de alguma dimensão da violência, considerando-a sob duas perspectivas presentes em Benjamin (2013), entendida como ‘poder’ e também como ‘não-coerção’. Dessa forma, qualquer pessoa que refletir criticamente acerca da sua própria história de vida escolar irremediavelmente se encontrará com memórias da violência. Ainda que não reconheça isso de modo imediato não seria possível fugir da influência que ela assumiu em sua trajetória formativa.

Diante desses aspectos, o intento seria pesquisar a complexa relação violência e formação no âmbito da formação docente, contudo diante dos variados elementos que envolvem essa temática, se coloca a questão de qual abordagem metodológica poderia se utilizar para responder a esse fenômeno. Isso significa pensar a estruturação da formação docente a partir da importância que a categoria da violência exerce, também pela via da memória, na trajetória da formação humana marcada pelo seu percurso escolarizante. Com o desdobramento de uma metodologia que conseguisse articular adequadamente essas questões e que servissem ao propósito de conhecimento crítico e levando em conta o referencial benjaminiano, seria possível compreender as bases originárias da violência, bem como a sua tipologia nos processos educativos oficiais da contemporaneidade. Logo, isso auxiliaria a desvelar o peso e a presença da ‘categoria da violência’ na formação humana. Para tanto, acreditamos que a violência só pode ser compreendida criticamente no seu autoesclarecimento como estratégia para problematizá-la no tempo presente.

O modelo metodológico desenvolvido por Walter Benjamin no livro *Origem do Drama Barroco Alemão*, se desdobra a partir da compreensão da realidade através da imagem do ‘mosaico medieval’. Essa imagem carrega consigo uma espécie de ilustração da crítica do conhecimento realizada por Benjamin, nela o autor entende que elementos microestruturais (ou até mesmo do cotidiano) adequadamente correlacionados poderiam iluminar fatos ou ideias presentes na amplitude social. Para o entendimento do que o ‘mosaico medieval’ significa em relação a pesquisa a ser desenvolvida, alguns elementos exigem serem

explicitados com mais clareza, são eles: perceber de que modo é possível relacionar a imagem do mosaico medieval como uma metodologia no campo educativo; em quais pontos a hermenêutica reconstrutiva pode auxiliar nesse processo.

Através de uma abordagem qualitativa de cunho hermenêutico-reconstrutivo, entendemos que a imagem do mosaico medieval servirá como espécie de construto imagético no qual se poderá visualizar os complexos contextos nos quais o nosso problema se desenvolve. A imagem aliada aos seus elementos particulares por meio da reconstrução que a interpretação hermenêutica realiza, auxiliará em uma configuração estética que será capaz de explicar a totalidade do problema de pesquisa exposto.

## **2 Mosaico Medieval: os fragmentos da realidade**

A compreensão do que significa uma metodologia na área da educação perpassa pela necessidade de primeiramente dar-se conta do que o problema a ser investigado requer do pesquisador em seu âmbito epistemológico, ou seja, entender a realidade na qual o problema faz parte. Posteriormente, faz-se necessário entender como podemos desvelar nossos objetivos nesta realidade específica, sendo assim, poderíamos inferir que cada contexto exige um método particular a se delinear, para que se consiga inferir considerações investigativas.

Ao considerar que Benjamin insere-se dentro de uma tradição crítica em que os objetivos da ciência servem para a emancipação do sujeito, para um olhar crítico em direção a ciência e como ela se estrutura, se favorece ou não determinadas classes sociais. A metodologia do Mosaico Medieval se insere numa perspectiva de contramão da história questionando a história tradicional e recolocando os sujeitos e suas vivências no papel central da escrita de uma história que não leva em consideração os vencedores e os detentores do poder.

Nesse sentido, o trabalho entende a necessidade de que muitas vezes “interrogar os métodos utilizados na pesquisa científica é uma tarefa histórica da filosofia, que auxilia a tomar consciência da importância e das limitações dos métodos, como também de suas implicações e contradições inerentes” (GAMBOA, 2012, p. 30). Por isso, vista da margem e dos fragmentos a proposta do mosaico como metodologia aliado à uma abordagem hermenêutico-reconstrutiva que também possui um viés mais crítico do que a hermenêutica tradicional, vem para questionar em que medida a investigação educacional contribui para uma perspectiva histórica que recoloca o lugar dos vencidos ou dos que estão a margem, desafiando assim, uma concepção de pesquisa positivista.

A ideia de desvendar a constituição epistemológica da imagem do ‘mosaico medieval’ de Benjamin (1984), tem a ver com o trabalho de desvelamento necessário que é delineado quando o pesquisador escolhe trabalhar com determinada abordagem no campo da educação. Por isso,

Nos diferentes métodos e formas de abordar a realidade educativa, estão implícitos diferentes pressupostos que precisam ser desvelados. Nesse contexto, os estudos de caráter qualitativo sobre os métodos utilizados na investigação educativa e seus pressupostos epistemológicos ganham significativa importância (GAMBOA, 2012, p. 26).

Os pressupostos que se tornam relevantes em função do objeto de pesquisa escolhido e não o contrário, são tangenciados aqui por uma concepção de história construída por Benjamin que se contrapõe a perspectiva da historiografia tradicional. Aliado a isso, as conjecturas epistemológicas dessa concepção se expressam na imagem do ‘mosaico medieval’ e, assim, ganham força para representar a não-linearidade da realidade.

A imagem do ‘mosaico medieval’ é apresentada no livro *Origem do Drama Barroco Alemão* de Walter Benjamin, no sentido de explicitar o modo pelo qual o filósofo adota para pesquisar o drama barroco:

Como os outros gêneros, o drama barroco é uma ideia, e vale para ele o que vale para as outras ideias: essa ideia tem de ser representada, através da "salvação", pelo conceito, dos seus elementos, a partir dos extremos. À primeira vista, isso parece significar, simplesmente, uma polarização entre dois teatros nacionais, ou entre duas obras, no interior do mesmo espaço cultural. Assim, o drama barroco alemão, o mais grosseiro da Europa, estaria num extremo, e o espanhol, o mais perfeito, estaria em outro extremo, do mesmo modo que no interior do teatro alemão, Gryphius, o autor mais refinado, seria contraposto ao que Benjamin considerasse o mais tosco. A forma do drama barroco seria construída assim pelo confronto desses extremos, sem que esse critério estético invalidasse a importância das obras menores para a determinação da forma, que transparece, pelo contrário, com maior evidência nas suas realizações secundárias (ROUANET, 1984, p. 15 e 16).

Apoiamos-nos no método adotado por Benjamin para investigar o Drama Barroco Alemão, como característica está a contraposição de extremos em relação a categoria principal, no caso do Barroco Alemão está em seu extremo o Drama Barroco Espanhol. Com isso o filósofo cria uma apresentação estética do tema que está pesquisando, inspirado nessa imagem como uma representação<sup>3</sup>. Opondo-se ao sincretismo e a uma visão linear de história,

---

<sup>3</sup> Benjamin compõe elementos para conceber a filosofia oposta a um conceito de sistema, o qual percebe a questão da verdade como um retorno ao universal, diferentemente da ideia de representação que elabora a partir do particular elementos que representem a realidade. “Se a filosofia quiser permanecer fiel à lei de sua forma, como representação da verdade e não como guia para o conhecimento, deve-se atribuir importância ao exercício dessa forma, e não à sua antecipação como sistema” (BENJAMIN, 1984, p.50).

[...] o mosaico na fragmentação caprichosa de suas partículas, não perde sua majestade. Tanto o *mosaico* quanto a contemplação justapõem elementos isolados e heterogêneos, e nada manifesta com mais força o impacto transcendente, quer da imagem sagrada, quer da verdade o valor desses fragmentos de pensamento é tanto maior quanto menor sua relação imediata com a concepção básica que lhes corresponde, e o brilho da representação depende desse valor da mesma forma que o brilho do mosaico depende da qualidade do esmalte (BENJAMIN, 1984, p. 51, grifo nosso).

A imagem do ‘mosaico medieval’ está associada ao desenvolvimento da Teoria do Conhecimento de Benjamin, a qual ele chamou de tratado filosófico. Em seu tratado filosófico o autor explicita a questão epistemológica que se relaciona com a ideia de verdade (relação universal – particular), porém essa ideia se desenvolve no movimento contínuo das múltiplas relações que estabelece com os objetos. “Pois ao considerar um mesmo objeto nos vários estratos de sua significação, ela recebe ao mesmo tempo um estímulo para o recomeço perpétuo e uma justificação para a intermitência do seu ritmo” (BENJAMIN, 1984, p. 50). Benjamin quer dizer com isso que a ideia da verdade é um fenômeno que não pode ser resolvido pela simples e sistemática relação do universal com o particular, mas o movimento que nunca cessa, entre a relação das particularidades a formarem um universal que não pode ser definido como uma verdade única, pois cada fragmento que o formou, elucida um contexto que nunca será semelhante a outro. Para ilustrar essa concepção Benjamin (1984, p. 59, 60) nos diz que:

Assim como a harmonia das esferas depende das órbitas de astros que não se tocam, a existência do *mundus intelligibilis* depende da distância intransponível entre as essências puras. Cada ideia é um sol, e se relaciona com outras ideias como os sóis se relacionam entre si (Grifo do autor).

Percebemos que a relação entre os extremos (conceitos) cujos elementos se configuram ao seu redor, se tornam mais expressivos ao representar uma ideia. De acordo com Benjamin o mosaico é a representação estética de uma ideia. Isso se evidencia quando determinado conceito se liga a outros fragmentos que estão inter-relacionados convergindo para que se possa visualizar uma ideia, cuja expressão maior está imagem representada pelo mosaico. Por isso, a ideia de verdade para ele está na compreensão da origem que cada fragmento possui individualmente, mas que só tem sentido unido ao todo, significando assim a totalidade do problema da pesquisa.

Na representação metodológica que o mosaico elucida, ele corrobora para o processo de extrair elementos fenomênicos, os quais se inter-relacionam na imagem do mosaico para interpretá-los filosoficamente. Pois, “as ideias só adquirem vida quando os extremos se reúnem a sua volta” (BENJAMIN, 1984, p. 57). Dessa forma, Benjamin afirma que para construir as ideias é necessário voltar-se para os fenômenos na relação com seus extremos, desse modo, quando os conceitos se agrupam em torno de um fenômeno, por meio do pensamento eles trabalham em torno daquilo que foi perdido quando ele estava isolado.

Segundo, Brandão (2001) as relações sociais estão nitidamente marcadas por opostos que se justapõe, mas que também visualizam uma conexão entre si, na tentativa de contribuir para expressar novos modelos conceituais que representem a realidade ampla e complexa em que vivemos. Um desses modelos, segundo a autora, pode ser elucidado na relação dialética entre o microcosmo e o macrocosmo social, “ou seja, como se estabelecem os vínculos entre os indivíduos e a sociedade de forma a gerarem um resultado que ultrapassa as combinações iniciais” (BRANDÃO, 2001, p. 154). Isso quer dizer que a relação das partes com o todo não pode ser interpretada apenas da perspectiva isolada dos indivíduos. Assim como, não se pode analisar um grupo de alunos de uma sala de aula em outro contexto como em uma atividade recreativa, esperando os mesmos resultados, pois os contextos sociais são diferentes e exigem performances sociais diferenciadas.

Essa complexa relação entre a parte e o todo pode ser discutida em diferentes vertentes epistemológicas, contudo, a perspectiva que adotamos para olhar a relação todo/parte nessa pesquisa é de cunho hermenêutico. Nesse viés, a tensão própria dos polos, ou extremos como elucida Benjamin, não será somente analisada com base em um viés dialético, no qual as tensões caracterizam a criação de uma síntese. Pretendemos, também compreender os polos de um modo conciliador, próprio da atividade hermenêutica e também os mantendo em perspectiva aberta, (DALBOSCO, 2014). Isso significa que a hermenêutica não busca resolver os polos que se interpõe ao conhecimento, mas mantendo a tensão conciliadora é possível visualizar outros elementos. Um desses elementos é a própria historicidade, que nos incumbe da memória dos conceitos e dos sujeitos da pesquisa.

A historicidade também é representativa no tratado filosófico de Benjamin, o qual se configura através de um caráter estético, uma vez que ele compara as ideias aos gêneros estéticos cuja formação se dá a partir das obras de arte. Ou seja, os gêneros artísticos (realismo, nominalismo) que se tornam representativos pelas obras de arte acabaram perdendo seu caráter sensível na tentativa da classificação, desse modo, Rouanet (1984, p.14, 15) esclarece que:

Ao mesmo tempo, essa ideia vai recebendo seu conteúdo graças aos artistas individuais, e sua descoberta só pode dar-se pela investigação imanente dessas obras. Desse modo, Benjamin pretende situar-se além do nominalismo e além do realismo. [...] Pelo primeiro procedimento, o pesquisador junta todas as obras que são tradicionalmente consideradas trágicas ou líricas, ou que são vividas subjetivamente como tais, e tenta determinar o que elas têm de comum. Nessa perspectiva o conceito é a expressão do semelhante, e com isso o extremo e o heterogêneo são excluídos. Pelo segundo procedimento o pesquisador produz, abstratamente, uma classificação de gêneros, com suas respectivas regras, e passa a julgar suas obras individuais de acordo com as supostas leis de gênero: com isso mais uma vez a obra de arte deixa de ser considerada em sua especificidade.

Benjamin se utiliza da elucidação das metodologias de análise dos gêneros artísticos para expressar seu ponto de vista acerca de como percebe a relação com o conhecimento. Se utilizássemos a metodologia que o nominalismo adota para classificar obras é visível, segundo apontado por Rouanet (1984), que as ideias e os conceitos buscam relação com tudo que há de semelhante ao seu redor. Já a metodologia elencada pelo realismo seria a de produzir uma teoria com leis e condutas nas quais as obras que não podem se encaixar nelas não fariam parte do gênero. Mas o que Benjamin quer dizer parece ser comum a todo enfoque de pesquisa qualitativa, que é o de perceber que não podemos colocar temáticas complexas dentro de uma metodologia prescrita esperando obter resultados objetivos, que no caso da obra de arte isso se expressaria por negar o seu potencial maior, isto é, o de ser arte. Por isso há em Benjamin a ideia de que a “totalidade é alcançada pela representação do singular” (MACHADO, 2004, p. 47). As partes que representam a imagem do mosaico são mais importantes do que a imagem em si, somente o singular pode contribuir para a riqueza da formação do todo.

### **3 Hermenêutica reconstrutiva: horizontes e mosaicos a serem construídos**

O processo hermenêutico partilha da mesma compreensão Benjaminiana de que não podemos isolar um objeto e querer extrair dele verdades sem olhar para um contexto maior. A hermenêutica surge como um método nas ciências humanas, a qual propõe a busca pela verdade nas experiências não científicas como a experiência da arte (GADAMER, 1997). A hermenêutica filosófica proposta por Gadamer é um horizonte a metodologia que queremos configurar neste trabalho, contudo, unida as manifestações da virada linguística abordaremos uma versão reconstruída da hermenêutica tradicional.

O termo que auxilia o processo hermenêutico é a compreensão<sup>4</sup>, é através dele que podemos construir afirmações legitimadas filosoficamente. O fenômeno da compreensão necessita se relacionar com o contexto a ser pesquisado, entendendo o fenômeno pela sua historicidade. Isso significa uma imersão no contexto a ser pesquisado compreendendo os diversos elementos que podem caracterizá-lo. Na hermenêutica reconstrutiva a compreensão exerce o papel de empreender ainda uma crítica aos preconceitos presentes na linguagem, os quais quando não são levados em conta, podem conduzir a pesquisa a outros termos.

A hermenêutica reconstrutiva deriva de uma reconfiguração à hermenêutica tradicional Gadameriana, nessa nova interpretação ela une aspectos importantes da virada linguística, bem como o modo intersubjetivo da relação com o conhecimento. Isso implica que o viés epistemológico adotado por ela se constrói nas comunidades de fala e na relação com um outro que não pode ser fruto de uma relação linear entre sujeito e objeto, mas antes de uma relação em que a interação dos sujeitos é que propicia o verdadeiro conhecimento de mundo. “As pesquisas dessas abordagens desenvolvem-se pelo descentramento do sujeito, na medida em que o *ego* precisa agora se justificar para um *alter*. O outro passa a ser, assim, a categoria central das pesquisas” (DEVECHI e TREVISAN, 2010, p. 153). Essa relação faz jus na proposta de auscultar os professores por meio das memórias de violência e fazer dessas falas os ‘cacos’ que constituirão o ‘mosaico’ da pesquisa. Isso quer dizer que somente na relação do intérprete com o sujeito de pesquisa que se poderá construir o ‘mosaico’. Isso também significa olhar para o tempo histórico e tematizar o que não foi suficientemente problematizado principalmente em virtude da ideologia. Daí também a dimensão ética da historicidade reconstruída por meio daquilo que Benjamin destacava como memória em suas teses sobre história (tese cinco). E sobre esse propósito o próprio Habermas (1990, p. 25) esclarece que:

O que Benjamin tem em mente é a noção sumamente profana de que o universalismo ético tem também de levar a sério toda a injustiça já cometida, e como é evidente, e irreversível; é a noção de que existe uma solidariedade dos que nasceram mais tarde com aqueles que os precederam, com todos aqueles que alguma vez tenham sido por ventura na sua integridade física ou pessoal por ação do Homem, e de que essa solidariedade só pode ser testemunhada e posta em prática através da rememoração. A força libertada da memória não deve servir aqui, como se verificou de Hegel até Freud, para resgatar o poder do passado exercido sobre o presente, mas sim para resgatar uma dívida do presente para com o passado.

---

<sup>4</sup> Segundo Gadamer (1997) somente um aprofundamento no fenômeno da compreensão pode legitimar filosoficamente as verdades não-científicas.

A relação entre hermenêutica reconstrutiva e ‘mosaico medieval’ está no elo que simboliza a linguagem e, por sua vez, é capaz de engendrar força para, através da rememoração, fazer jus a dívida do presente com o passado público da época em que vivemos. Pois a hermenêutica reconstrutiva passa a olhar para os contextos valorizando a escuta do outro em sua expressão linguística. Já para a ideia do ‘mosaico medieval’ o processo de auscultar o outro é peça fundamental de sua formação, pois representa a particularidade a ser unida ao todo.

Habermas expõe acerca do aspecto reconstrutivo da linguagem e o que ele representa nas ciências humanas, associando elementos empírico-analíticos da realidade, com aproximação mais forte da dialética pelo viés reflexivo e crítico. Isso ocorre porque a reflexão embutida no processo hermenêutico não somente serve para quebrar as dogmatizações que são frequentemente impostas ao conhecimento, como também prevê o aspecto reconstrutivo das categorias, da realidade e da ligação do homem com o mundo.

Transpondo essas afirmações para o campo da educação, percebe-se principalmente a necessidade de um olhar crítico que não busca simplesmente resolver os problemas pedagógicos, e, sim, enxergar nas tensões, por meio da reflexão, um potencial crítico e emancipatório. Nessa nova perspectiva hermenêutica, Habermas (1987, p. 93, 94) expõe a interrelação do pesquisador com a escuta do outro no processo de pesquisa, em que é necessário:

- pôr em relação sistematicamente o mundo da vida do autor e de seus contemporâneos com o seu próprio mundo da vida
- e para reconstruir a significação do *interpretandum* como conteúdo objetivo (*Sachgehalt*) pelo menos implicitamente avaliado de uma maneira criticável.

Essa configuração tomada pela hermenêutica reconstrutiva, coloca o pesquisador de forma mais aberta ao contexto em que se procura olhar, colocando-se ainda em troca com o seu mundo da vida e do mundo da vida do outro. Aqui se daria o fenômeno da compreensão reconstruído pela linguagem. Sem ela, o fenômeno compreensivo pairaria apenas por um viés da subjetividade. Assim, nessa nova forma de compreender os mundos da vida mediados pela linguagem (através da escuta do outro), os contextos das pesquisas se tornam mais significativos e elucidativos.

Isso não quer dizer que o processo de abertura ao outro demonstrado pela hermenêutica reconstrutiva irá dirimir-se da reflexão filosófica tão estimada na hermenêutica tradicional. A reflexão filosófica nessa perspectiva procura considerar os debates de

racionalidades presentes na sociedade atual. Assim, a hermenêutica reconstrutiva guiada por uma reflexão filosófica:

Abre-se para aquilo que não está compreendido nem no conceito nem no plano lógico, de modo a explorar o que está nos desvios dos conceitos, no subsolo do pensamento e tornar visível o que não se ajusta em nossas categorias cognitivas. Um logos que não se opõe à poética, à estética, à mímeses alcança sentidos encobertos e enriquece a compreensão da realidade de um modo que não é atingido pelo dispor conceitual. Isso ocorre quando a racionalidade nos coloca diante da desafiadora exposição ao outro, quando ela compreende através do outro, mostrando toda potência do estranhamento e abrindo-se para a dimensão ética (HERMANN, 2016, p. 10).

A reflexão filosófica guiada por um princípio hermenêutico como expõe a autora, traz elementos dissociados de uma racionalidade rígida e instrumental. Assim, o processo de reflexão filosófica não se faz distante de um modo sensível de compreender a realidade e os problemas sociais e educacionais. Desse modo, a representação estética de uma ideia conforme a perspectiva Benjaminiana do *mosaico medieval*, pode contribuir para criar outros contornos ao que compreendemos as relações entre ‘violência’ e ‘formação’.

A representação como recurso filosófico de busca da verdade é tão mais autêntica quanto mais aloca em si mesma a contemplação do valor individual de cada “parte” que constitui a unidade do fenômeno. Assim, as respostas as indagações levantadas nesse trabalho, fazendo juz ao referencial benjaminiano do ‘mosaico’, não serão buscadas nos manuais de pedagogia como o exemplo da linearidade da história oficial, que faz a totalidade pela óptica dos vencedores; ao contrário as possíveis respostas às indagações basilares da pesquisa encontrarão o seu amparo reflexivo na garimpagem do particular, do fragmentário e do digressivo. A ideia é levar em conta a particularidade de cada ‘fragmento’ para a grandeza e globalidade do fenômeno expresso no significado do todo no ‘mosaico’. Desse modo, o significado mais amplo do tema revela e retoma a sua acepção mais justa e esplendorosa na medida em que não abstrai de si qualquer fragmento de sua verdade, tal como indicava Benjamin.

### Considerações finais

Entendemos que o mosaico constituído em torno dos conceitos ‘violência’ e ‘formação’ aspira a uma série de elementos que envolvem pensar a macroestrutura e a microestrutura social e educacional. Por isso, acreditamos que a peça articuladora central seja, no sentido de ouvir as vozes muitas vezes ignoradas pela história, isto é ouvir as vozes destes

professores e não somente dados estatísticos. A reconstrução da categoria da violência não poderá se limitar, conforme a orientação do ‘mosaico medieval’, a olhar somente para obras e textos, mas também a realocar o lugar do sujeito como particularidade a reconstruir uma ideia da qual historicamente foi negada sua participação.

Assim, em vista da problematização proposta pela pesquisa percebemos que o potencial do ‘mosaico’ enquanto imagem de uma investigação está no brilho propiciado pela voz dos professores enquanto recurso metodológico. A rememoração da infância percebida pelo ponto de partida da violência, implica em situar as linhas que o processo formativo da docência resgata da relação da memória com as narrativas. Queremos dizer com isso que somente pela via da memória é que se poderá compreender mais claramente a relação ‘violência’ e ‘formação’.

A abordagem hermenêutico-reconstrutiva traz um sentido conciliador aos extremos que são peças do nosso mosaico. Além disso, percebe as tensões enquanto um espaço a ser aberto e não fechado e retraído, ampliando assim as possibilidades de compreensão necessárias ao processo investigativo, por isso, ela acolhe a ideia de auscultar o outro. Assim, a possibilidade de unir a hermenêutica-reconstrutiva e o ‘mosaico medieval’, a primeira como abordagem metodológica e o segundo, enquanto imagem epistêmico-metodológica de uma investigação, reforça uma maneira nova ou diferente de produzir conhecimento no campo da educação, ampliando ainda as possibilidades de visualizarmos novos horizontes filosófico-pedagógicos à investigação educacional.

## Referências

ADORNO, Theodor. **Mínima moralia**. Reflexões a partir da vida lesada. Rio de Janeiro: Azougue editorial, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Origem do drama barroco alemão**. São Paulo: Brasiliense, 1984.  
\_\_\_\_\_. **Para a crítica da violência**. In.: Escritos sobre mito e linguagem. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34; 2013, p. 121- 156.

\_\_\_\_\_. Infância em Berlim. In: BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. Obras escolhidas. Vol. 2. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BRANDÃO, Zaia. A dialética micro/macro na sociologia da educação. **Cadernos de Pesquisa**, n. 113, p. 153-165, jul. 2001.

DALBOSCO, Cláudio A. Pesquisa educacional e experiência humana na perspectiva hermenêutica. **Cadernos de Pesquisa**. Vol. 44, N. 154, p. 1028-1051, out/dez, 2014.

DEVECHI, Catia Piccolo; TREVISAN, Amarildo. Sobre a proximidade do senso comum das pesquisas qualitativas em educação: positividade ou simples decadência? **Revista Brasileira de Educação**, abr. 2010, vol. 15, no. 43, p. 148-161.

GADAMER, Georg. **Verdade e método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 1997.

GAMBOA, Silvio Sánchez. **Pesquisa em Educação**: métodos e epistemologias. 2.ed. Argos. Chapecó, 2012.

HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade**. Lisboa: Nova Enciclopédia, 1990.

HERMANN, Nadja. Pesquisa educacional e filosofia da educação: busca de permeabilidade. In: XI ANPED SUL Reunião Científica Anual da ANPED: Educação, movimentos sociais e políticas governamentais, 2016, Curitiba. **Anais...** Curitiba: UFPR, 2016.

MACHADO, Francisco de Ambrosio Pinheiro. **Imanência e História**: a crítica do conhecimento em Walter Benjamin. Editora UFMG, Belo Horizonte, 2004.

ROUANET, Sérgio Paulo. Apresentação. In. BENJAMIN, Walter. **Origem do drama barroco alemão**. São Paulo: Brasiliense, 1984.